

Eco-Brasil
Mais uma vez o governo
quer engessar a perna boa

10 JAN 1989

JORNAL DA TARDE

Em quase quatro anos de governo o único momento em que o presidente Sarney inspirou confiança ao povo brasileiro foi no período em que o Plano Cruzado parecia um milagre realizado: desde o seu lançamento, em fins de fevereiro de 1986, com a imediata "zeragem" da inflação, até a descoberta terrivelmente frustrante do engodo, já em fins daquele mesmo ano.

Na realidade, o único milagre real do Plano Cruzado foi o sigilo absoluto em torno da sua elaboração pela equipe do ex-ministro Dilson Funaro. O Brasil só ficou sabendo da existência do plano no dia em que o presidente da República o anunciou pela televisão transmitindo à nação a falsa imagem de um homem corajoso e determinado e, mais importante do que isso, seguro do que estava fazendo. Graças ao sigilo que cercou a elaboração daquele plano, o país não teve conhecimento das suas hesitações, dos seus medos e das suas inseguranças, que não foram menores naquela ocasião do que têm sido agora, quando desde dezembro passado, a partir do momento em que o governo anunciou sua decisão de promover uma ampla reforma econômica e uma **profunda** reforma administrativa, essas hesitações, medos e inseguranças vêm sendo exibidas ao vivo, todos os dias, às brasileiras e aos brasileiros por todos os meios de comunicação. É que, escarmecido pelo Plano Cruzado, quando acabou contaminado pela autoconfiança quase doentia do ministro da Fazenda de então, e assumindo sozinho toda a responsabilidade pela nova política econômica, desta vez o presidente Sarney fez questão de dividir previamente as responsabilidades, obrigando o ministro Mailson da Nóbrega — em quem evidentemente não confia como confiava em Funaro — a consultar Deus e todo mundo, principalmente todos os ex-ministros da área econômica do seu e de outros governos, que, diga-se de passagem, contribuíram, sem exceção em maior ou menor grau, para que chegássemos à situação calamitosa em que nos encontramos, antes de **amarra** o novo pacote. No momento em que redigimos este comentário — domingo à tarde —, ainda não havia chegado à redação dos jornais nem o **Plano Verão** na sua forma definitiva — o presidente continuava hesitando — nem o texto do discurso que Sarney deve ter pronunciado à noite, pela televisão, para anunciarlo oficialmente e pedir o apoio da nação para sua execução.

Esta, aliás, não seria a hora de analisar em suas minúcias o referido plano, que pode ter sofrido algumas alterações nas últimas horas antes da divulgação, mas que basicamente será isso que os jornais vêm divulgando desde a última quinta-feira.

O que pretendemos agora é observar que este é um momento bem diferente daquele — o único em que o presidente Sarney inspirou confiança ao povo brasileiro — em que foi lançado o Plano Cruzado. Se a desconfiança no governo, a angústia e a insegurança em que viveu o povo brasileiro desde a grande frustração provocada pela descoberta do engodo do Plano Cruzado não cessaram de aumentar desde então, o acompanhamento ao vivo das especulações sobre o que seria ou deixaria de ser o novo plano que começa a ser aplicado hoje faz que esses sentimentos atingissem um grau de exacerbação inédito, nestes últimos dias.

O resultado palpável da boataria que grassou solta durante estas últimas semanas foi a remarciação alucinada de todos os preços, a subida do dólar e do ouro para a estratosfera e a consequente desvalorização real dos salários. Em resumo: o Plano Verão nasce no momento em que a irritação contra o governo atinge o auge. Seiõo esse o estadio de espírito do país, o presidente Sarney pode esperar tudo do lançamento deste novo plano, menos que ele produza o efeito milagroso imediato do Plano Cruzado: o efeito da **reversão das expectativas**. Não sabemos, repetimos, no momento em que redigimos este editorial, o que disse, e em que tom, o presidente, ontem à noite na televisão. Mas isso não nos impede de afirmar, sem medo de errar, que, se nenhum brasileiro bem formado, mentalmente íntegro e moralmente sadio, tem o direito de desejar o fracasso de mais esta tentativa do governo de pelo menos reduzir os efeitos, dolorosos para toda a Nação, dos seus próprios erros, desmandos e omissões, nenhum brasileiro com aquelas mesmas características e que tenha um nível razoável de conhecimentos sobre a realidade econômica e política deste país tem qualquer motivo para acreditar que os objetivos ambiciosos do Plano Verão serão plenamente atingidos.

Ao contrário do que aconteceu quando foi lançado o Plano Cruzado, hoje as expectativas não foram revertidas e o apoio que Sarney pede só lhe será concedido eventualmente, na medida em que, no dia-a-dia da aplicação das medidas hoje anunciamas, ele for demonstrando que estavam errados os brasileiros, que, como nós, deixaram de acreditar na seriedade do novo plano quando tomaram conhecimento da real "profundidade" da reforma administrativa. Com a extinção de cinco ministérios e a fusão de outros dois, Sarney está apenas voltando à situação anterior à Nova República.

Os ministérios extintos, na realidade, nunca chegaram a existir. E a extinção do ministério da Administração tem um sentido simbólico profundo: esse ministério foi criado exatamente para estudar e promover a reforma profunda da administração pública e a racionalização do Estado brasileiro, que é a condição primeira para que os objetivos proclamados pelo Plano Verão possam efetivamente ser alcançados. Sua extinção é o reconhecimento oficial de que, pelo menos para o governo Sarney, essa é uma tarefa impossível.

Em outras palavras: mais uma vez, como aconteceu com o Plano Cruzado, a partir do diagnóstico unânime sobre as causas da infecção inflacionária, parte-se para o ataque aos efeitos, deixando-se intocadas as causas. A diferença é, desta vez, a ênfase no déficit zerado, com a garantia de que o governo não gastará um tostão a mais do que arrecada e com a supressão formal da correção monetária. Como isso será conseguido sem cortar o que produz a despesa do governo é o que vamos ver de hoje em diante.

Como o demonstra o projeto de lei contra a delinqüência econômica que acompanha o Plano Verão, nada mudou do Plano Cruzado para cá. A economia brasileira há muito tempo que anda sobre duas pernas: a do setor público e a do setor privado. A primeira há muito tempo está quebrada. Mas, mais uma vez, o governo quer engessar a perna boa.